

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 7 – O chamado para uma difícil obra.

Ezequiel 1 a 10

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

O profeta que temos diante de nós hoje é Ezequiel. Filho de Buzi, também sacerdote e funcionário do Templo, foi para o exílio no 5º. ano do exílio do rei Joaquim: 593 a.C. Seu nome hebraico apresenta a idéia do que a sua vida seria: y^e hezqe'1 = **“Deus é forte.”** E **“Deus queira tornar forte, vigoroso.”** Casado (24,15ss), proprietário de casa (12,1ss), era reconhecido como líder na golah, ou no exílio (8,4; 14,1; 20,1; 33,30 etc.).

Pertencia à classe culta, que conhecia detalhadamente os regulamentos, os direitos, as obrigações e os costumes em relação ao Templo. Normalmente, nas páginas do AT, profecia e sacerdócio não caminhavam em conjunto. Ezequiel se torna profeta que denuncia a classe sacerdotal, apesar de estar nela incluída. Na qualidade de sacerdote, participava do serviço do culto institucionalizado no templo em Jerusalém e era herdeiro das tradições. Como profeta, se torna o mensageiro do novo, a partir da articulação da mensagem profética em seu esquema básico: denúncia do pecado, anúncio do juízo, chamada ao arrependimento e proclamação da salvação.

De um lado, Ezequiel demonstra ter uma forte influência sacerdotal e levítica: utilização abundante de termos jurídicos ligados ao sacerdócio e presentes nos códigos de santidade (Lv. 17-26). De outro lado, percebe-se grande afinidade da obra de Ezequiel com tradições proféticas maiores, entre as quais: Isaías (2ª. parte), Jeremias e

também Oséias e Amós. Neste caso, recorre a tradições comuns. Em sua mensagem, denunciou os reis Joacaz (609), Joaquim (597) e Zedequias (597/6).

O último oráculo para a casa de Israel proferido por ele foi datado de 573/572 (40,1). Aproximadamente aos 50 anos de idade, como acontecia com os sacerdotes da época, suspendeu a sua atividade.

O livro de Ezequiel é de conteúdo profético e foi escrito com linguagem vívida e simbólica. A crítica bíblica nunca questionou se deveria ser parte do cânon ou não. Havia unanimidade ao atribuir ao livro a posição de Escritura. O que causou polêmica no passado – e talvez ainda hoje seja objeto de questionamentos diferentes – é a resposta a perguntas tais como: como vamos esconder este livro? Vamos retirá-lo de circulação para evitar que os menos cultos se escandalizem com a aparente discrepância que ele apresenta em relação à Lei? Como exemplo lembramos que o rabi Hananias, filho de Ezequias, da escola de Shamai, queimou 300 vasos de azeite na tentativa de harmonizar, nos seus estudos de pesquisa, o conteúdo de Ezequiel com o Pentateuco.

Mantido no cânon, algumas providências os doutores adotaram, tais como: proibição da leitura do primeiro capítulo nas sinagogas e limitação da leitura da profecia a maiores de 30 anos. Quais justificativas alegavam? São

algumas: no primeiro capítulo, havia misticismo com relação ao carro-trono, descrito na primeira visão. O capítulo 16, para eles, ofendia Jerusalém e o 37 poderia ser mal interpretado e aproveitado por diferentes seitas.

Além disso, as visões foram objeto de restrições ao acolhimento do texto. Para os judeus, apresentavam contradições com a Torah e eram propícias a especulações, principalmente as contidas nos capítulos de 1 a 10. A propósito dos relatos das visões, antecipamos que são quatro. Três delas precisam ser consideradas em conjunto. São as chamadas “**visões de Deus**”, onde o profeta, transportado pelo Espírito, é confrontado com a vocação (capítulos 1 a 3), **profecias de condenação** (8 a 11) e, finalmente, a **restauração de Israel**, na magnífica visão do Templo, registrada nos capítulos 40 a 48. Há, ainda, uma quarta visão, que não obedece à seqüência e que nos é bastante familiar, pois denuncia o **vale dos ossos secos**. Foi registrada no capítulo 37.

Para a tradição cristã, as visões de Ezequiel são fascinantes. Até bem pouco tempo, a ênfase para a compreensão das visões estava em trabalho oriundo dos chamados “pais da Igreja”, que viam nos quatro seres viventes uma antecipação da obra dos evangelistas. Em nossos dias, a pesquisa bíblica caminha com outras hipóteses, com as quais nos ocuparemos em outra oportunidade.

Até o ano de 1913, a crítica reconhecia que uma só pessoa havia escrito o livro. Depois, a partir de pesquisas publicadas e baseadas na análise do texto, tem havido indicações de que Ezequiel não foi produto de um só autor, mas que diferentes autores registraram o período de Ezequiel assim como o conteúdo deste importante livro. Uma outra

pergunta que precisamos responder tem relação com o público-alvo a que a profecia se destinava. A pesquisa identifica leitores ou ouvintes do exílio, além de remanescentes em Jerusalém. A mensagem deveria confortar, alertar e convencer os envolvidos quanto aos propósitos e planos de Deus.

Um bom exercício para a identificação dos leitores de Ezequiel é a análise, no próprio texto, de expressões que, lado a lado, são dirigidas aos exilados e em seguida aos moradores de Jerusalém. Em seis oportunidades são bem evidentes. Mencionaremos apenas duas: 1) envio à casa de Israel (**3,4-9**) ao lado de envio à golah (**3, 10-11**); 2) discussão com moradores de Jerusalém (**11,2-12** ao lado com a discussão com exilados em **11, 14-21**)

O texto nos fornece 13 datas, cada uma delas relacionada a uma revelação de Javé. Tais datas foram calculadas de acordo com a tabela da cronologia babilônica, de autoria de R.A.Parker e colaboradores. Por questão de tempo, exemplificaremos com: capítulo **1,2**, na visão inicial, 31 de julho de 593 a.C. Capítulo **8, verso 1**, visão no templo, 17 de setembro de 592 a.C. Capítulo **20,1**, mensagem aos anciãos, 14 de agosto de 591 a.C; capítulo **24,1**, relato do cerco de Jerusalém, 15 de janeiro de 588 a.C. Capítulo **40,1**, visão do templo restaurado, 28 de abril de 573 a.C.

Uma sugestão para a divisão do livro é apresentá-lo em três grandes blocos. A saber: capítulos **4-14** se ocupam do julgamento de Deus contra Israel. De **25 a 32**, julgamento de Deus contra as nações vizinhas e **33-48**, restauração futura do povo de Israel.

O livro é rico em recursos literários. Temos alegorias. Exemplos: Jerusalém como uma vinha (cap.15) e esposa de Javé (**16, 1-43**); dinastia davídica como

uma leoa (19, 1-9) e uma vinha (19, 10-14). Também atos simbólicos ou dramáticos. Exemplos: 4,1-3 (esboço de Jerusalém em um tijolo, significando que a cidade seria cercada; em 4,4-8, Ezequiel deita-se sobre o lado esquerdo por 390 dias e, sobre o direito, 40 dias, simbolizando os anos de iniquidade e punição de Judá. Em 4,9-17, Ezequiel come alimento racionado no exílio, apontando para a fome em Jerusalém, quando ocorresse o cerco. Em 5,1-12, o profeta corta o cabelo com uma espada, pesa e divide o cabelo, queimando uma parte dele, ferindo a segunda parte com uma espada e espalhando a terceira parte ao vento para mostrar a insignificância do remanescente poupado, diante da dimensão do julgamento.

Para completar a apresentação do livro, vamos destacar algumas expressões muito importantes e que envolvem o leitor atento: **“filho do homem”**: usada 93 vezes. Na qualidade de forma de tratamento, aparece apenas em Ezequiel e em Daniel 8,17. A outra expressão é **“volve o rosto contra”**, que aparece em nove ocasiões. Outra, **“Eu sou Javé”**, é fórmula de autodesignação que aparece em todo o livro e pode ser considerada a marca registrada do livro. Surge acompanhada da fórmula de reconhecimento, “para que saibais que eu sou o Senhor”. Por último, há ainda a expressão **“visões de Deus”**, presente nos relatórios das visões em 1,1; 8,3; 11,14 e 40,2. Em todas as visões, a mão de Javé se estende sobre o profeta e **evidencia o envolvimento pessoal com ele**. Ao lado dessa mão de Javé, surge o “espírito vivo”, que guia o profeta e restaura os ossos secos.

Estudar Ezequiel não é tarefa fácil, mas será a isto que nos dedicaremos nos próximos estudos. Nosso objetivo e nossa oração é que, após o encerramento do nosso trabalho, todos

estejamos em condições de compreender melhor a obra portentosa desse profeta que excedeu o tempo dele e deixou para as gerações que se seguiram a idéia clara, sistematizada e preciosa de que, no relacionamento com Deus, a **responsabilidade é individual**.

Ele proclamou a mensagem de que cada pessoa é, diante de Deus, **responsável por seu próprio pecado** e que, portanto, cada uma precisa se posicionar diante de seus erros e tomar a sua própria decisão de seguir ao Senhor.

Apoio bibliográfico:

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova

SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.

SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.

ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo testamento. São Paulo: Loyola.